12-11-2021

O ESTRANHO HÁBITO DE CONVERSAR COM GOIÂNIA

Marcia Cristina Hizim Pelá

[Presidente da Associação Cultura Cidade e Arte.
Membro do Dona Alzira. Doutora em Geografia Unifan]

Eu tenho um hábito muito estanho: o de conversar com a cidade. Para mim a cidade, não é só um amontado de prédios e tijolos, mas uma das mais belas obras da humanidade que tem a capacidade de dizer, a partir de suas formas, seus odores, seus contornos e conteúdos, as histórias passadas e atuais de sua produção socioespacial. .....

E foi com este espirito, o de travar um bom diálogo com Goiânia, que, um dia desses, depois de tabular uma pesquisa que fiz sobre o cotidiano de vida das mulheres goianienses e constatar que 68% delas já foram vítimas de violência e assédios em espaços públicos, que caminhei pelas ruas da cidade para ver o que ela tinha a me dizer sobre esta cruel e indignante realidade. Saí de casa tentando entender como aquelas ruas, que já haviam sido parte das minhas brincadeiras de criança me permitindo desfrutar e experienciar a liberdade de ser e estar na cidade, se tornaram tão hostis a nós mulheres. .....

Antes de arriscar os primeiros passos um sussurro, que veio lá do fundo do baú das memórias de infância, balbuciou em meus ouvidos se eu não me lembrava de que, naquela época, mesmo nascendo sob a égide da modernidade, se Goiânia não continha em seu DNA a técnica e a cultura da tradição rural e coronelística. Disse mais: nesta forma de ver e significar o mundo, tanto a mulher como a terra, é propriedade do homem e por isso, é dele o poder e o direito do mando e do desmando.

Fiquei com uma pulga atrás da orelha e com uma vontade danada de apressar essa conversa para ouvir os outros argumentos narrados pela paisagem de Goiânia mostrando essa triste realidade contra as mulheres. .....

Em passos largos e desafiadores sai andando pela Avenida Anhanguera e já de início me deparei com sem tetos, pedintes e artistas de ruas que, misturados ao grande fluxo e ao barulho dos automóveis, anunciavam que Goiânia, nestes 88 anos de existência, havia se transformado em uma metrópole polifônica, polissêmica e desigual. .....

O diálogo estava se avolumando e já havia conectado o conservadorismo à fome, à falta de moradia, ao desemprego, à desigualdade social.

Comecei a perceber que a violência era fruto desta mistura de acumulação e opressão. Mas a queria ouvir mais porque sou sedenta pelos porquês.

Assim continuei caminhando e logo me deparei com o monumento do Anhanguera cravado na Praça Atílio Correia Lima. Ele me disse: "*Márcia, você não está vendo que as ruas da cidade são feitas só para os homens. Nós, os homens somos as memórias e a história desta cidade. Se não estiver acreditando, suba a Avenida Goiás e vá até a Praça Cívica, o centro do poder, lá você poderá conversar com os homens do monumento das três raças e com Pedro Ludovico, fundador da cidade*".

Naquele instante entendi o diálogo de Goiânia comigo e com as outras mulheres. Ela estava dizendo: "*ei vai para a sua casa que a rua não é lugar de mulher*".

Eu retruquei: "*mas em nossas casas também somos violentadas até a morte*". .....

Goiânia ficou encabulada, pensou, movimentou e disse: ..."*mas vocês também fazem parte desta história. Saiam da invisibilidade. Resistam. Anunciem. Lutem. Façam levantes por essas ruas em busca de outra história onde as diferenças não se confundam com as desigualdades e a opressão*".

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.